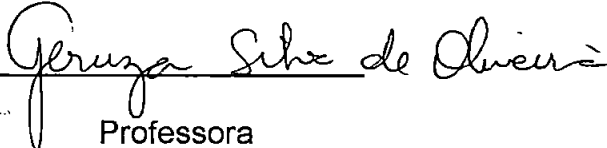


## FOLHA DE AVALIAÇÃO

Prof<sup>a</sup>: Geruza Oliveira

Título: O mito como forma de conhecimento

Data da apresentação: 16/12/04

  
Professora

Rubiatuba – 2004

**BIBLIOGRAFIA**

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo, 1999.

ARRUDA, M. H. & ARANHA, M. L. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo, 1986.

CADERNOS DIDÁTICOS. **Mitologias Greco-Judaica e Racionalismo Moderno**, 1995.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 12 ed., São Paulo: Ática, 1999.

CROATTOO, J. S. **As linguagens da experiência religiosa**. São Paulo: Paulinas, 2001.

DETIENNE, Marcel. **A invenção da Mitologia**. 2 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

ELIADE, M. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 4 ed., São Paulo: Atlas, 1992.

MONINI, Italiano. **Mitologia Grego-Judaica e Racionalismo Moderno – Um Ensaio**. 5 ed., Goiânia, 1995.

REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. **História da Filosofia, Vol. I**. São Paulo, Paulus, 1990.

## CONCLUSÃO

Concluimos com este que é surpreendente a forma como o homem consegue se posicionar em relação a algo que ele acredita e que tem fé.

O Mito foi e é considerado uma das mais geniais concepções que a humanidade produziu. A forma mais encantadora de conhecimento que se tem registrado nos manuscritos gregos.

Comumente visto pelos gregos da época como algo que possuía uma relação com divindades, não era permitido que se contestasse ou se questionasse a respeito de sua veracidade. Assim o mito surgia em sua grandeza e plenitude como uma forma de explicar o inexplicável, uma forma de relatar o mundo e todos seus mistérios.

A Grécia foi o berço, a gênese da literatura mítica, foi através dos poetas gregos que o mundo conheceu tão fantástica obra.

Mesmo que a Filosofia colocasse em dúvida os estudiosos da época em relação à veracidade dos mitos, o mesmo se manteve vivo e presente durante muitos e muitos anos, pois servia para reafirmar a identidade de um grupo permeando a sociedade como uma forma geradora de cultura.

A Filosofia surgiu para dar ao Mito um novo direcionamento. Enquanto ele se tornava parte da história criativa de um povo, a Filosofia nascia com novas explicações, novos posicionamentos que mais tarde serviriam de base para comprovações científicas.

Assim podemos concluir que o Mito esteve presente na origem da Filosofia como uma alavanca que através de um processo gradual de insatisfação levou seu povo e principalmente estudiosos da época a perceberem as contradições e limitações do mesmo.

É incontestável que o Mito é uma forma de conhecimento e que mesmo que seu objetivo não fosse encontrar a veracidade dos fatos, sua necessidade se fazia presente na vida de um povo sedento por respostas. Pois, como já foi dito, o mito surgiu para acomodar e tranquilizar o homem em um mundo em que tudo lhe é ofertado de maneira assustadora.

Concluimos este com um exemplo de como era bela a forma que os gregos encontraram de poetizar suas vidas bem como tudo que os norteava, exemplo de criatividade que, acredito eu, deveria ter se mantido vivo no coração e na vida do homem moderno.

### 3.3. A EXTINÇÃO DO MITO

Quando se fala em extinção do mito, estamos nos referindo ao fato de simplesmente ele perder sua utilidade, porque o mito, mesmo hoje, exprime a relação de um povo com seu universo, mesmo que hoje tenhamos outras definições para as respostas que o mito respondia. E é esse o fator – a perda de sua utilidade – que leva o mito a ser extinto, quando se busca explicar suas causas, seu poder evocador originário e construtor do sentido da realidade perde sua força.

A sabedoria mítica não possui nenhum vínculo que a liga ao saber cientificamente comprovado, eles definitivamente não se misturam, pois possuem ordens distintas.

Uma outra forma de extinguir o mito é buscar para ele uma explicação racional, pois analisando-o dessa forma, ele perde ao mesmo tempo a orientação simbólica ao transcendente e mítica ao originário como sentido da realidade.

Devemos sempre analisar o mito em sua fonte mítico-simbólica do texto, para que assim possamos recuperar e perpetuar o seu sentido mais profundo.

Para resumir as características e as diferenças das três formas de narração, podemos indicar o seguinte:

	<b>Mito</b>	<b>Lenda</b>	<b>Conto</b>
<b>Tempo</b>	Remoto	Recente	Qualquer
<b>Lugar</b>	Primordial ou outro mundo	Mundo atual	Qualquer
<b>Crença</b>	Fato	Fato	Ficção
<b>Característica</b>	Sagrado	Sagrado ou secular	Secular
<b>Protagonista</b>	Divino	Humano	Humano ou não
<b>Função</b>	Instaura	Ensina e cria modelos	Diverte

Embora sejam considerados uma forma de conhecimento que faz uso da cultura popular para se manterem vivos em meios dos costumes da humanidade, é importante destacar a universal diferenciação existente entre mitos, lendas e contos. É mais comum se confundir entre o mito e a lenda, mas o conto sempre é separado dos dois anteriores por seu caráter fictício.

Em uma determinada cultura, podem existir muitas lendas, muitos contos, mas poucos mitos, pois somente estes narram os acontecimentos que são instauradores de alguma realidade significativa. Assim, uma mesma história, segundo as características descritas no quadro anterior, pode ser mito em uma determinada sociedade, lenda em outra e conto em uma terceira.

Contudo, não se deve esquecer que o acontecimento contado no mito é imaginário. Uma leitura fundamentalista do mito assume como realmente acontecido o fato imaginário do mito, mas para defender uma veracidade mal-entendida do texto sagrado, do que para enfocar corretamente sua intenção profunda.

Para melhor exemplificarmos essa forma de conhecimento que a nós é passada, podemos também dividi-la em lendas da tradição, ou seja, da nossa cultura e em histórias não-sagradas.

Alguns mitos conseguiram sobreviver ao longo dos anos como forma de conhecimento presente na literatura, sendo difundido por sua beleza ou celebridade, embora não sejam considerados histórias sagradas.

Enquanto o mito é uma narrativa cujo conteúdo é inquestionável, ou seja, não se deve questionar, a filosofia problematiza e, conseqüentemente convida à discussão. A filosofia rejeita o que propõe a mitologia, ou seja, o sobrenatural, a interferência de agentes divinos na explicação dos fenômenos. Fazendo com que a natureza deixe de ser sagrada e inaugurando o pensamento positivista (racional).

A filosofia busca coerência interna, a definição rigorosa dos conceitos, o debate e a discussão; organiza-se em doutrina surgindo, portanto como pensamento abstrato. A crítica ao mito realizada e idealizada por filósofos não significa que o mesmo tenha sido abolido definitivamente, pois, apesar de todo ataque sofrido, os mitos resistiram como obra literária à crítica religiosa e a muitas teorias lançadas contra eles por pensadores e filósofos antigos.

Como podemos afirmar que os mitos são formas de conhecimento se o conteúdo dos mesmos é fictício? Simples. O mito é narrado, executado ou lido através de uma seqüência narrativa, ou seja, uma cadeia de episódios que configuram um acontecimento determinado. Quando esse relato acontece, o mito passa a situar-se em um lugar e em um tempo e assim, conseqüentemente, passa a apresentar-se como uma história.

O mito não tem sua origem na lógica reflexiva, ele busca apenas de maneira simbólica incorporar através de um texto contribuições que possam auxiliar na interpretação de algo. Esses procedimentos fizeram parte da cultura de um povo e devem ser caracterizados como forma de conhecimento.

No ano de 1904, Erich Bethe reconheceu com clareza as três formas de narração definidas da seguinte forma:

Mito (*Mythus*), lenda (*sage*) e conto (*Märchen*) diferenciam-se entre si por sua origem e finalidade. O mito é a mais simples forma intuitiva de pensamento, uma série de tentativas de compreender o mundo, de explicar a vida e a morte, o destino e a natureza, os deuses e o culto. A *lenda* é a história primitiva, modelada ingenuamente em ódio e amor, transformada e simplificada inconscientemente. Mas o *conto* surgiu da necessidade de diversão, e serve para esta finalidade. Por isso ele não tem tempo nem lugar, considerando apenas a diversão e omitindo o que não agrada segundo o gosto do narrador. Não é outra coisa senão poesia.

### 3. CAPÍTULO III: O MITO COMO FORMA DE CONHECIMENTO

#### 3.1. O MITO NA GRÉCIA ANTIGA NO INÍCIO DA FILOSOFIA

É um fato que o conhecimento mítico sempre fez parte da história da humanidade, fazendo parte do ser e sendo repassado ao longo dos tempos de forma hereditária, fazendo parte da cultura e do cotidiano das civilizações.

Podemos afirmar que muitos de nossos conhecimentos e comportamentos que julgamos corriqueiros, na realidade carregam uma origem que perpetua a continuação das formas de conhecimentos míticos, mesmo que às vezes tudo isso esteja em um universo inconsciente.

Podemos observar que a função do mito não é *a priori* explicar com veracidade a realidade dos acontecimentos que eram colocados em questão, mas acomodar e tranquilizar o homem, em um mundo em que tudo lhe é ofertado de maneira assustadora.

A função do mito era portanto reafirmar histórias preexistentes que conferem a autoridade e a credibilidade a um passo sagrado.

O mito na época, não era considerado um conhecimento científico, e assim podemos dizer por esse termo atual, pois não buscaram qualificar as observações e teorias através da experimentação.

A investigação mítica dava-se somente em termos especulativos e conclusões teóricas. Mas podemos, no entanto classificá-los como uma forma de pré-conhecimentos científicos, já que eram necessárias a essas investigações se ter inteligências, curiosidade, capacidade de observação, ceticismo, imaginação e muitas outras atribuições que devem ser levadas em consideração.

#### 3.2. DO MITO À FILOSOFIA

Na passagem do mito à razão, há uma continuidade no uso comum de certas estruturas explicativas e uma ruptura quanto à atitude das pessoas diante de tal pensamento.

Os mortais acreditam que os deuses, falam e se vestem de forma semelhante à sua própria... Os etíopes imaginam seus deuses pretos e de nariz achatado; os trácianos, ao contrário, os vêem ruivos e de olhos azuis... Se as vacas, cavalos ou leões tivessem mãos e com elas pudessem pintar e produzir obras como os homens, eles criariam e representariam suas divindades à sua imagem e semelhança: os deuses dos cavalos teriam feições eqüinas, os das vacas se pareceriam com elas, e assim por diante.<sup>7</sup>

Naquela época os gregos estavam a todo vigor. Em se tratando de desenvolvimento, fundaram muitas cidades-estados na Grécia e em suas colônias no Sul da Itália e na Ásia Menor. Nelas, os escravos faziam todo o serviço braçal e os cidadãos livres podiam se dedicar à política e à cultura. Então, sob tais condições de vida, o pensamento humano deu um salto, pois sem depender de nada nem de ninguém, cada pessoa poderia agora opinar sobre como a sociedade devia ser organizada, e assim o indivíduo podia formular suas questões filosóficas sem ter que recorrer à tradição dos mitos.

Estudiosos e historiadores costumam dizer que naquela época ocorreu a evolução de uma forma de pensar atrelada ao mito para um pensamento construído sobre a experiência e a razão. Naturalmente, o objetivo dos primeiros filósofos gregos era o de encontrar explicações naturais para os processos da natureza.

Neste ponto, é importante lembrar que não devemos dar ao mito/história uma visualização em dois sentidos onde o mito adota uma concepção negativa equivalente a algo falso e a história narrada é tomada no sentido historiográfico, como um acontecimento de fato, no nível da experiência fenomênica.

Sabemos que apesar de se tratar de posições distintas, o Mito não deve ser analisado como uma falsa realidade, pois como já podemos observar ao longo deste estudo, o Mito é apenas uma forma de explicar fatos que na época eram inexplicáveis, mas na realidade a intenção não era encobrir os fenômenos naturais com falsas idéias da realidade. Pois se sabe que o mito não faz avaliações a respeito de acontecimentos originários, ao contrário, o mito relata os feitos como instauradores de uma realidade.

O mito objetivava ser história verdadeira onde são narradas histórias que fizeram parte dos acontecimentos históricos, os gregos viam isso como um transacontecimento.

---

<sup>7</sup> Cadernos Didáticos. Mitologias Greco-Judaica e Racionalismo Moderno, 1995, p. 19.

A imortalidade da alma que o orfismo proclamava tornava a vida terrena uma simples preparação para uma vida mais elevada.

Acredito que o orfismo tenha perdido seu reconhecimento por desvalorizar a vida terrena. As pessoas que buscavam apenas o paraíso em um plano mais elevado deixavam de se preocupar com as melhorias que deveriam ser feitas aqui, e apenas se preparavam e se purificavam em busca do pós-vida, esquecendo assim da valorização necessária a este mundo para que as pessoas que viessem após as mesmas não encontrassem este plano no lamaçal do abandono.

O orfismo foi passado para várias escolas filosóficas da Grécia antiga, mas a importância que alguns filósofos atribuíram a ele decaíram com facilidade ao longo dos tempos.

Em síntese, podemos dizer então que a Filosofia surgiu quando se percebeu que a verdade sobre os homens e a natureza não era um mistério, que necessitava ser revelado por deuses, mas que poderia ser conhecida por todos por meio do pensamento racional e mais importante, poderia ser ensinada e transmitida a todos.

## 2.2. OS FILÓSOFOS GREGOS E OS MITOS

Os filósofos gregos tentavam a todo custo provar que as explicações mitológicas não eram confiáveis. A princípio, foram os filósofos gregos que primeiro criticaram a mitologia descritiva de Homero, porque para eles os deuses representados por ele em suas poesias tinham muita semelhança com os homens, principalmente por serem egoístas e traiçoeiros.

Essa foi a primeira vez na história da humanidade que foi dito de forma clara e evidente, que os mitos, talvez, não passassem de frutos da imaginação humana.

Xenofantes é um exemplo de filósofo que foi severo em sua crítica aos mitos, nascido por volta de 570 a.C. Para ele, as pessoas teriam criado os deuses à sua própria imagem e semelhança:

volta não estavam nos contos mitológicos, e passaram a perceber que seus questionamentos não eram mais respondidos pela religião, tradições ou mitos.

Dentre os poetas podemos citar Homero, seus poemas possuíam algumas peculiaridades que o diferenciava dos outros poemas encontrados na origem de outros povos e suas civilizações, contendo já algumas das características do espírito grego que foram essenciais para a criação da filosofia.

A imaginação homérica já tinha uma estrutura com base em um sentido de harmonia, de proporção, de limite e de medida das coisas que a filosofia elevaria inclusive à categoria de princípios ontológicos, ou seja, considerando o ser enquanto ser. Também notou-se que, em Homero, a arte da motivação chega a ser verdadeira e constante. O poeta Homero não se prendeu apenas às narrativas, ele pesquisou suas causas e razões. E é essa forma poética de ver as razões das coisas que preparou a mentalidade daquela época para a filosofia, uma forma de busca pela causa, princípio e o porquê último das coisas.

Com base nessas explicações mítico-poéticas temos também outros que foram de grande importância para o surgimento da filosofia. Um deles, a Teogonia de Hesíodo que faz uma narrativa do nascimento de todos os deuses. Assim, muitos deuses tinham como parte o universo e os fenômenos do cosmo, a teogonia torna-se também cosmogonia, ou seja, uma explicação mítico-poética da gênese da filosofia e sua relação com a Mitologia.

Devemos também fazer referências à religião, mas não estamos falando da religião pública que tem o seu modelo na representação dos deuses e do culto como nos disse Homero. Essa também foi de grande importância, mas estamos nos referindo aqui à religião dos mistérios, que surgiu a partir do descontentamento de alguns gregos com a religião pública. Esta religião, mesmo estando inserida no quadro geral do politeísmo, tinha suas próprias crenças e suas próprias práticas.

A religião dos Mistérios contribuiu principalmente, para a filosofia, com seus mistérios órficos. O orfismo<sup>6</sup> é particularmente importante porque introduz na civilização grega um novo esquema de crenças e uma nova interpretação da existência humana. Em Homero, o homem era mortal e a morte lhe trazia o fim de sua existência, já no orfismo se proclama a imortalidade da alma.

---

<sup>6</sup> O orfismo era uma seita filosófico-religiosa bastante difundida na Grécia a partir do século VI a. C. e que era intitulada assim porque julgava-se que ela teria sido fundada por Orfeu.

## 2. CAPÍTULO II: O MITO E A FILOSOFIA

### 2.1 A PRESENÇA DO MITO NA ORIGEM DA FILOSOFIA.

Como já sabemos, antes do surgimento da Filosofia, a mitologia era o instrumento utilizado pelos gregos para se explicar a realidade desconhecida. O mito narra a origem do mundo com base nas lutas, alianças e relações sexuais entre forças sobrenaturais, a mitologia se utiliza das cosmogonias<sup>4</sup> e das teogonias<sup>5</sup> para explicar a realidade, mas com o tempo estas explicações não mais satisfaziam os questionamentos dos pensadores gregos diante do mundo que os cercava. Assim sendo, podemos nos indagar se o surgimento do pensamento filosófico ocorreu com a Filosofia nascendo de uma transformação gradual sobre os mitos gregos. Podemos observar que no decorrer da história, a Filosofia foi percebendo as contradições e limitações dos mitos, assim ela foi reformulando e racionalizando as narrativas míticas, transformando-as em explicações novas e diferentes.

Podemos citar novamente aqui a contribuição dos poetas, pois a forma como eles viam a realidade pode ser vista como um dos elementos que colaboraram para a origem da Filosofia, ou seja, a poesia também foi de grande importância para o surgimento da filosofia dentro das narrativas míticas, já que as mesmas necessitavam de definições que não fossem naturais nem leigas, para obterem uma racionalidade contextual dos elementos informativos que formavam as mesmas. A filosofia trouxe para a poesia uma veracidade dos fatos que compunham a mesma, ou seja, seja afirmando ou negando, a filosofia fez da poesia mais que um simples conto, criando assim um espírito poético racionalizado.

Os poetas gregos por meio de seus escritos expressavam sua curiosidade e encantamento diante das transformações mais simples da realidade, certamente este movimento poético inspirou os primeiros filósofos a terem certa curiosidade também, passando a perceber que as explicações para o mundo à sua

---

<sup>4</sup> Cosmogonias: sistema hipotético da formação do universo.

<sup>5</sup> Teogonias: genealogia dos deuses: conjunto de divindades cujo culto forma o sistema religioso de um povo politeísta.x

por sombras que na realidade não passam de ofertas das estátuas, que aqui fazem o papel de oferendas do mundo globalizado.

Essa é uma interpretação do Mito da Caverna em específico, a mensagem que ele deixa, pois se tratando de evolução, o mito não evolui. O Mito não relata nem a evolução do homem, nem do mundo em seu tempo e espaço, ou sejam suas histórias não são baseadas em estudos aprofundados do mundo, pois ao longo dos tempos seria um contra-senso supor isso, primeiro porque o mito não está no plano do tempo e do espaço de nossa experiência, o que apenas confirma a não-cientificidade do mito, segundo e isto seria o mais importante, porque se assim o fosse ele se anularia em si mesmo.

O mito surge da pergunta: *"Por que as coisas são assim atualmente e, em seguida, responde: porque os deuses assim as fizeram, como estão neste momento"*.<sup>3</sup>

O mito também promove mudanças na realidade das coisas, mas o que acontece quando isso ocorre? Sendo o mito uma idéia imaginária por excelência, podemos dizer que cada segmento da realidade se é significativo, tem um relato que o encaixou no transcendente por meio do originário, ou seja, a realidade do mito se modifica, se transforma ou então a sociedade desintegra-o.

Assim, deixam de ser atuais e já não interpretam mais a realidade, supostamente modificada, e a narrativa nada afirma, deixa de ser paradigma ou modelo de uma realidade que não existe mais.

O destino dos mitos pode seguir vários caminhos, que resumidos em três aparecem da seguinte forma:

- 1- Podem morrer, desintegrar-se e perder-se.
- 2- Às vezes passam à categoria de contos ou fábulas, nada instauram, apenas divertem.
- 3- A perda de sua vigência instauradora expressa-se com retoques que modificam a estrutura do gênero mítico.

---

<sup>3</sup> Grifo meu.

tipos de coisas. Imaginemos também que, por trás desses homens, esteja acesa uma grande fogueira e que, no alto, brilhe o sol. Finalmente, imaginemos que a caverna produza eco e que os homens que passam por trás do muro estejam falando de modo que suas vozes ecoem no fundo da caverna.

Se isso acontecesse, aqueles prisioneiros da caverna nada poderiam ver além de pequenas estátuas projetadas no fundo da caverna e ouviriam apenas o eco das vozes. Entretanto, acreditariam, por nunca terem visto algo diferente, que aquelas sombras eram a única e verdadeira realidade e que o eco das vozes representasse as vozes emitidas por aquelas sombras. Suponhamos, agora, que um daqueles prisioneiros consiga desvencilhar-se dos grilhões que o aprisionam. Com dificuldade, ele se habituaria à nova visão com a qual se deparava. Habitando-se, porém, veria as estatuetas moverem-se por sobre o muro e compreenderia que elas são muito mais verdadeiras do que as coisas que antes via e que agora lhe parecem sombras. Suponhamos que alguém traga nosso prisioneiro para fora da caverna e do outro lado do muro. Primeiramente, ele ficaria ofuscado pelo excesso de luz. Em seguida, habituando-se, veria as coisas em si mesmas; e, por último, veria, inicialmente de forma reflexa e posteriormente em si mesma, a própria luz do sol. Compreenderia, então, que estas e somente estas são as realidades verdadeiras e que o sol é a causa de todas as outras coisas visíveis.

De forma simples podemos analisar o Mito da Caverna<sup>2</sup> como uma forma de chamar atenção do homem, para uma análise íntima de sua própria condição humana. Em uma simbolização metafísica da vida, ou seja, através dessa representação, Platão leva o sujeito a indagar-se sobre a realidade de sua própria existência.

As sombras simbolizam o obscuro e as estátuas as coisas que o homem tem no mundo. Já o muro faz o papel de intermediador separando, mas ao mesmo tempo ligando o que é verdadeiro ao que é simbólico. O sol como luz, como algo que esclarece, nos passa a idéia do bem.

Se analisarmos o Mito de forma contemporânea, verificaremos que o homem moderno está cada vez mais se tornando prisioneiro da caverna. Pois aprecia as coisas não pelo que verdadeiramente lhe são, mas se deixam enganar

---

<sup>2</sup> REALE, Giovanni. & ANTISERI, Dario. *História da Filosofia, Antiguidade e Idade Média*. Volume I, 6ª ed., São Paulo: Paulus, 1990, p. 167.

Finalmente, Fizäök 'äöyich parecia que estava um pouco ofendido com *nivaklé*. Aproximou-se de nosso ascendente com um monte de papéis na mão, que *Santó* chamava de moeda ou dinheiro.

- Olha, filho, isto é para você. Poderá troca-lo por qualquer coisa que quiser. Você fará com que outros trabalhem para você e tragam os alimentos que você e sua família precisam para viver.

O antigo *nivaklé* riu. Virou de costas e foi embora caçar e recolher mel na selva.

Fizäök 'äöyich ficou com raiva e entregou o dinheiro a *Elé* e *Santó*.

Por isso hoje vivemos assim!<sup>1</sup>

Quando o autor diz “por isso hoje vivemos assim”, ele está se referindo à forma materialista e mecânica, à qual tanto se prende o homem atual. “Elé e Santó” fazem o papel do homem contemporâneo que busca praticidade deixando de lado o que mais natural possa lhe ser oferecido, que são as coisas da natureza.

Através desse mito, temos uma análise universal das conseqüências que a modernidade trouxe para o homem.

Mas isso não era suficientemente convincente, neste ponto começaram as primeiras teorias filosóficas embasadas em mitos que deixavam a desejar e reforçavam o desejo, a ânsia (angústia) por resposta dos estudiosos da época.

### 1.3. O MITO DA CAVERNA

Imaginemos homens que vivam numa caverna cuja entrada se abra para a luz em toda a sua largura, com um amplo saguão de acesso. Imaginemos que os habitantes dessa caverna tenham as pernas e o pescoço amarrados de tal modo que não possam mudar de posição e tenham de olhar apenas para o fundo da caverna. Imaginemos ainda que, imediatamente à frente da caverna, exista um pequeno muro da altura de um homem e que, por trás desse muro e, portanto, inteiramente escondidos por ele, se movam homens carregando sobre os ombros estatuas trabalhadas em pedra e em madeira, representando os mais diversos

<sup>1</sup> Citado por M. Chase-Sardi em “El alma en la tribu nivakle” (Crisis, n. 4, pp. 24-26 ago. 1973). In: CROATTO, J-S. 2001, pp. 298-299.

Fizäök 'äöyich, nosso pai, quis dar-nos um presente. Ele chamou o antigo *nivaklé* e ofereceu-lhe farinha.

- Isto é bom para comer – disse o pai.
- Eu não quero comer cinza – respondeu *nivaklé*. – A alfarroba é melhor.

Então Fizäök 'äöyich chamou *Elé* (branco de cabelos loiros) e chamou *Santó* (branco de cabelos pretos), que aceitaram com agrado o presente que fora rejeitado pelo antigo *nivaklé*.

Fizäök 'äöyich voltou a chamar *nivaklé* e ofereceu-lhe açúcar.

- É doce, pode experimentar.
- Não é tão doce como o mel que tenho na selva – respondeu *nivaklé*, depois de experimentar um pouco de açúcar.

Então Fizäök 'äöyich chamou *Elé* e *Santó*, que alegremente levaram para eles o que nosso antepassado não quisera.

Fizäök 'äöyich chamou novamente *nivaklé*.

- Toma isto – disse-lhe mostrando um pano bonito. – Ele lhe servirá para você cobrir-se.
- Parece que está podre – respondeu *nivaklé*, rasgando-o com a mão. – Eu tenho outro, que é feito de caraguatá. Dois homens juntos não conseguem romper-lo e as flechas não o traspassam.

Então Fizäök 'äöyich deu o tecido a *Elé* e *Santó*. Ficaram muito felizes!

Fizäök 'äöyich não ficou com raiva. Parece que gosta muito de nós. Ele levou uma espingarda ao antigo *nivaklé*.

- Trouxe para você esta arma para quando sair à caça. Pode pegá-la e disparar um tiro.

O antigo *nivaklé* disparou um tiro e ficou assustado.

- Não, o barulho vai espantar todos os animais da selva! Se eu conseguir matar uma ema, como atingirei os outros? Com meu arco e minhas flechas silenciosas consigo atingir várias presas em pouco tempo, sem espantá-las.

Então Fizäök 'äöyich entregou a espingarda a *Elé* e *Santó*, que não sabiam o que fazer para agradecer-lhe. E, como sempre acontece, eles não souberam o que fazer para retribuir-lhe.

## 1.2. O MITO E A POESIA

Na Grécia, como em muitos outros lugares, a literatura não escrita antecedeu a escrita. Pode-se perceber esse fator através da enorme quantidade de hinos religiosos, contos guerreiros e histórias místicas contadas em festivais e que naturalmente foram conservados oralmente em versos, pelos poetas e cantores que dotados de talento único repassaram através dos tempos toda a beleza e plenitude oferecidas pelos contos místicos.

Era comum observar toda essa beleza ilustrada nas mitológicas histórias heróicas, em que podia se observar que o poeta fazia sempre uma invocação às musas que personificavam todas as formas de pensamento, ao iniciar a declamação do poema ou até mesmo um trecho particularmente difícil das histórias místicas cantadas na época.

Como já foi mencionado, acreditava-se que não era a qualquer pessoa que era dado o dom, ou seja, a capacidade de possuir inspiração poética. Tais dons eram considerados um presente dos deuses, das divindades, e a pessoa um escolhido, dentre muitos, somente alguns possuíam tamanha responsabilidade.

Em nenhum outro lugar do mundo pode-se encontrar, como na Grécia Antiga, o mito como inspiração, não só na poesia, como também no teatro, nas artes plásticas e em outros pontos, e isto devido justamente à cultura grega.

A função do mito *a priori* é manter e reafirmar a identidade de um grupo, pois ele é criador de modelos de comportamento, ou seja, o mito é gerador de cultura, pois é através do mito que as gerações perpetuam seus costumes e crenças que facilmente podem ser observadas em nossa sociedade. Como por exemplo: As cavalhadas de Pirenópolis, a reconstituição da morte de Cristo em Trindade, a missa de ramos, a missa do galo, os cultos a Iemanjá, etc.

Assim, é com quase todos os mitos, mas porém, existem alguns que tratam de forma especial a identidade cultural de uma determinada comunidade humana.

Como exemplo, podemos citar o relato mítico dos nivaklé.

Eis o relato mítico, que tem como ator divino o Deus Fizäök 'äoyich:

## 1. CAPÍTULO I

### 1.1. O MITO A PRIORI

A palavra mito vem do Grego Mytho e deriva de dois verbos: do verbo Mytheyo (cantar, narrar, falar alguma coisa para outros) e do verbo Myheo (conversar, cantar, anunciar, nomear, designar). Para os Gregos o mito é um discurso elaborado e proferido para ouvintes que recebem como verdadeira a narrativa que a eles é passado por quem narra e fazem com que os mesmos confiem nesta narrativa. A narrativa mística é feita e elaborada em público, baseada portanto, na autoridade e confiabilidade da pessoa do narrador.

Quem narra o mito? O poeta.

O poeta é a pessoa escolhida por deuses, nem todas as pessoas tinham o privilégio de estarem dotadas de tal capacidade. Era concedido a eles as inspirações poéticas consideradas dons de origem divina, atribuídos pelos deuses a alguns poucos. Acreditavam-se em atribuições de conceitos abstratos, em que os deuses lhes mostravam os acontecimentos passados, permitindo aos poetas que vissem a origem de todos os seres e de todas as coisas para que pudessem transmiti-las aos ouvintes. O mito é considerado sagrado porque vem de uma revelação divina. O mito deveria ser visto como algo incontestável e inquestionável. Podemos entender ou definir o mito como uma narrativa que relata a origem do mundo e de tudo que nele existe.

A mitologia é considerada uma das mais geniais concepções que a humanidade produziu. Os gregos com suas fantasias, povoaram o céu e a terra, os mares e o mundo subterrâneo de divindades.

A mitologia grega apresenta-se como uma transposição da vida em aspectos mais idealizados. Superando o tempo o mito ainda se conserva com toda a sua serenidade equilíbrio e alegria.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta-se tematizado em um foco principal que é o Mito com toda sua grandeza e mistério.

Seu principal objetivo será esclarecer a importância do mito no desenvolvimento e na busca pela historicidade das composições levantadas por diferentes pesquisas, comandadas por estudiosos da área, ou seja, pesquisadores que se interessam pelo estudo da Mitologia como forma de conhecimento primário, onde são levados em consideração o Mito como forma de verdade imperfeita ou diminuída de acordo com as atribuições da realidade moral ou religiosa do mesmo.

É de grande importância o estudo do tema para que possamos entender a afirmação de que a mitologia tem como esfera de interpretação principal as teorias naturalistas, que seriam produto das atitudes teóricas e contemplativas que dariam origem à ciência.

No primeiro capítulo, compreenderemos O Mito na Antiguidade tendo por subtítulo: O Mito *a priori*, O Mito e a Poesia e O Mito da Caverna.

No segundo capítulo, falaremos da relação entre o Mito e a Filosofia, intercalando alguns aspectos importantes que estão inseridos neste contexto, como: A presença do Mito na origem da Filosofia, A função do mito na Grécia Antiga no início da Filosofia e Do Mito à Filosofia.

E no último, mas não menos importante capítulo, estaremos analisando o Mito como forma de conhecimento, seus aspectos e como ele influenciou os conhecimentos da humanidade sem nos esquecer que o mito é a comprovação da capacidade que o homem tem de criação tomando determinado fenômeno natural como chave para a explicação de todos os outros fenômenos.

## ÍNDICE

Introdução.....	6
1. Capítulo I:	
1.1. O mito <i>a priori</i> .....	7
1.2. O mito e a poesia .....	8
1.3. O mito da caverna .....	10
2. Capítulo II: O mito e a filosofia:	
2.1 A presença do mito na origem da filosofia.....	13
2.2. Os filósofos gregos e os mitos.....	15
3. Capítulo III: O mito como forma de conhecimento:	
3.1. O mito na Grécia Antiga no início da Filosofia.....	17
3.2. Do mito à Filosofia.....	17
3.3. A extinção do mito .....	20
Conclusão.....	21
Bibliografia.....	22

## DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação monográfica primeiramente a Deus, autor de minha vida e amigo em todos os momentos.

A meu namorado, companheiro, amigo e confidente, que sempre me deu força e sempre se fez presente, de maneira positiva me auxiliando e aconselhando em que caminho devo seguir.

A meus filhos, Carla e Igor que com paciência souberam superar minha ausência e acreditaram sempre em meu potencial.

A meus pais, pessoas especiais que fizeram e fazem parte de minha vida de uma forma muito significativa.

“As obras-de-arte, os jogos, os mitos e as técnicas que sobrevivem no tempo e fazem porque as obras-de-arte representam as emoções universais do homem, os jogos, a lógica de sua ação, os mitos a concepção do mundo e da vida, e a técnica o resultado objetivado e acumulado das sucessivas experiências de aprendizagem da humanidade”.

Jorge Visca

Elizangela Pereira Borges Souza

## **O MITO COMO FORMA DE CONHECIMENTO**

Relatório Monográfico apresentado à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER, como requisito parcial para a conclusão do curso de Filosofia, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Geruza Oliveira.

Rubiataba, 2004.

Centro de Ensino Superior de Rubiataba – CESUR  
Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER



## O MITO COMO FORMA DE CONHECIMENTO

Elizangela Pereira Borges Souza

1145  
Dadu - 30799

Tombo nº	9453
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	19.02.05

Rubiataba, 2004.